

HARLEQUIN®

Sabrina®

MINISSÉRIE

Os
Kalliakis



MICHELLE SMART

NA ENCRUZILHADA

Sabrina[®] MINISSÉRIE

NA ENCRUZILHADA

Michelle Smart



Editado por Harlequin Ibérica.
Uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid

© 2015 Michelle Smart
© 2021 Harlequin Ibérica, uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
Na encruzilhada, n.º 115 - agosto 2021
Título original: Talos Claims His Virgin
Publicado originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor, incluindo os de reprodução, total ou parcial.

Esta edição foi publicada com a autorização de Harlequin Books S.A.
Esta é uma obra de ficção. Nomes, caracteres, lugares e situações são produto da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos de negócios (comerciais), feitos ou situações são pura coincidência.

® Harlequin, Sabrina e logótipo Harlequin são marcas registadas propriedades de Harlequin Enterprises Limited.

® e ™ são marcas registadas por Harlequin Enterprises Limited e suas filiais, utilizadas com licença.

As marcas em que aparece ® estão registadas na Oficina Española de Patentes y Marcas e noutros países.

Imagem de portada utilizada com a permissão de Harlequin Enterprises Limited.

Todos os direitos estão reservados.

I.S.B.N.: 978-84-1375-526-7

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S.L.

Sumário

[Créditos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Epílogo](#)

[Se gostou deste livro...](#)

Capítulo 1

Talos Kalliakis baixou a cabeça e esfregou a nuca. As palavras do especialista tinham-no afetado muito.

Voltou a olhar para os dois irmãos e viu a tristeza nos seus rostos. Astraeus Kalliakis, o avô, o rei de Agon, estava a morrer. Helios, o mais velho dos três irmãos e herdeiro do trono, cruzou os braços e respirou fundo antes de quebrar o silêncio.

- Temos de antecipar a celebração do aniversário.

Todos em Agon desejavam celebrar os cinquenta anos do rei no trono. Estava tudo previsto para dentro de seis meses, para depois do verão, mas o oncologista dissera com toda a clareza que não aguentaria tanto tempo.

Talos pigarreou, nunca sentira as cordas vocais tão duras.

- Proponho que nos concentremos no baile de gala do cinquentenário e cancelemos o resto das celebrações. São supérfluas.

- Estou de acordo. - Theseus, o irmão do meio, assentiu com a cabeça. - Devíamos marcar a data para abril, dentro de três meses. Temos de fazer um esforço, mas, entre todos, conseguimos fazê-lo e bem.

Era muito possível que o avô não aguentasse se se atrasassem mais. Dois meses de quimioterapia dar-lhe-iam um pouco de tempo e conteriam os tumores que lhe corroíam os órgãos, mas não se curaria, já era demasiado tarde para isso.

Dois meses mais tarde

Talos Kalliakis percorria os corredores do teatro que albergava a Orquestra Nacional de Paris e reparava no papel velho das paredes, na carpete desfiada e nas goteiras do teto. Não estranhou que fossem demolir o edifício. De todas as sedes de orquestras que visitara nos dois últimos meses, aquela era, com muita diferença, a que tinha piores instalações.

No entanto, não estava ali por causa das instalações, estava ali por intuição, porque os violinistas do resto das orquestras de França o tinham decepcionado, tal como os das orquestras mais importantes da Grécia, de Itália, de Espanha e de Inglaterra.

Estava a ficar sem tempo.

O que lhe parecera uma tarefa simples estava a transformar-se num teste de resistência muito árduo.

Só queria encontrar esse músico especial que, apenas por passar o arco do violino nas cordas, o emocionasse como a avó fazia quando estava viva. Não se atreveria a dizer que tinha bom ouvido, mas sabia que o distinguiria assim que o ouvisse.

O violinista escolhido teria a honra de interpretar a última composição da avó durante o baile de gala de celebração do cinquentenário do avô.

Nesse momento, cerca de doze violinistas da Orquestra Nacional de Paris estavam em fila para que ele os ouvisse um a um... e só queria que aquilo acabasse de uma vez.

A parte fraca e impaciente de si próprio dizia que podia escolher qualquer um. Todos os que ouvira até àquele momento eram violinistas profissionais e os seus instrumentos de madeira emitiam um som que deleitaria o ouvido de qualquer um. No entanto, nenhum entusiasmara o seu coração e, por uma vez na sua vida, sabia que tinha

de escolher a pessoa adequada seguindo o seu coração, não a sua mente.

Era o baile de gala do cinquentenário do avô e só escolheria o melhor. O avô não merecia menos e a memória da avó também não.

Acompanhado pelos maestros, um assistente e o seu intérprete, entraram em fila indiana num corredor especialmente estreito. Era como estar numa versão de interior dos labirintos maravilhosos que havia nos jardins do palácio de Agon.

Os violinistas estavam alinhados nos bastidores e o resto dos músicos estava na plateia. Ele também estaria na primeira fila da plateia se as obras na rua não tivessem obrigado o motorista a deixá-lo na porta traseira do teatro.

Tinha a cabeça cheia com uma dúzia de coisas e tinha de tratar daquela, que ignorara durante os dois últimos meses. Era um advogado experiente que fiscalizava todas as vendas e compras do império empresarial que criara com os dois irmãos, embora nem sempre usasse os seus conhecimentos legais para levar a sua avante.

Theseus, o irmão do meio, encontrara uma empresa nova de Internet que procurava financiamento. Se as previsões fossem acertadas, quadruplicariam o investimento em menos de dois meses. No entanto, não confiava nos proprietários...

Os seus pensamentos sobre empresários tecnológicos sem escrúpulos viram-se interrompidos por um som muito delicado que lhe chegava por uma porta que tinha à esquerda.

Levantou uma mão para pedir silêncio, aguçou o ouvido e encostou a orelha à porta. Era a única peça de música clássica que conhecia pelo nome.

Sentiu um nó na garganta, um nó que ia crescendo com cada compasso.

Como queria ouvi-lo melhor sem incomodar o violinista, abriu a porta com imenso cuidado. Bastaram alguns

centímetros para que essa música, solene e inquietante ao mesmo tempo, ganhasse vida.

Um as lembranças agridoces apoderaram-se dele.

Tinha sete anos quando os seus pais morreram e as noites seguintes, as que passaram até os irmãos voltarem do internato em Inglaterra, tinham-no deixado inconsolável. A avó adorada, a rainha Rhea Kalliakis, tranquilizara-o da única forma que sabia. Fora ao quarto, sentara-se na beira da cama e tocara *Méditation* da ópera *Thaïs* de Jules Massenet. Há mais de vinte e cinco anos que não pensava nessa música.

O ritmo era mais lento do que o que a avó usava, mas o efeito era o mesmo, doloroso e apaziguador, como um unguento que entrava numa ferida e a sarava de dentro para fora.

A interpretação tinha algo muito especial e ao alcance de muito poucas pessoas.

- É este que quero.

Talos virou-se para os maestros e o intérprete traduziu-o para o francês. A mulher que tinha à esquerda observou-o com os olhos semicerrados como se quisesse adivinhar se falava a sério, até que a sua expressão se iluminou e abriu a porta.

Ali, num canto, havia uma rapariga... uma mulher alta e esbelta que ainda tinha o violino por baixo do queixo, mas que segurava o arco no ar com a mão direita.

Foram aqueles olhos.

Nunca vira algo tão intenso.

Tremeu ao pensar neles e voltou a tremer quando saiu do teatro e entrou num estacionamento cheio de neve. Agarrava com força no estojo do violino com uma mão e tapou as orelhas com o gorro às riscas cinzentas e vermelhas com a outra. Então, um carro preto muito comprido e com os vidros fumados entrou no estacionamento e parou ao lado dela.

Abriu-se uma das portas traseiras e saiu um gigante.

O seu cérebro demorou um instante a compreender que não era um gigante, era Talos Kalliakis.

Aqueles olhos intensos e penetrantes fixaram-se nela pela segunda vez numa hora... e o efeito foi igualmente aterrador e vertiginoso.

Quando a porta da sala de ensaios se abriu e viu todas aquelas caras que a observavam fixamente, quis que a terra a engolisse. Não viera para a audição, mas tinham-lhe dito que tinha de aparecer, para o caso de precisarem de toda a orquestra. Fechara-se naquela sala atrás da plateia, onde não a viam.

Aqueles olhos...

Tinham olhado para ela durante tanto tempo que se sentira isolada de tudo. Até parar de a observar e desaparecer sem a cumprimentar ou despedir-se. Não teve tempo para apreciar o verdadeiro tamanho desse homem.

Era alta para uma mulher, media mais de um metro e setenta, mas Talos era muito mais alto, como uma massa de músculos e estatura que a vestimenta invernal não conseguia disfarçar.

Sentiu a boca seca.

Tinha o cabelo, castanho, denso, um pouco comprido, despenteado à frente e com uns caracóis por trás que lhe chegavam até ao colarinho do casaco preto. A barba incipiente, também espessa, cobria-lhe o queixo quadrado.

Apesar da roupa exclusiva e dos sapatos feitos à mão, tinha algo primitivo. Parecia perigoso e a cicatriz que lhe dividia a sobrancelha direita em duas confirmava essa sensação.

Também parecia ter as ideias muito claras.

Deu alguns passos e aproximou-se dela com uma mão estendida e a cara séria.

- Amalie Cartwright, é um prazer conhecê-la - cumprimentou ele, num inglês perfeito.

Tivera a certeza de que era bilíngue. Além disso, era enorme, tinha de medir perto de dois metros.

Amalie engoliu em seco para humedecer a boca, passou o estojo do violino para a mão esquerda e esticou a direita. Ele aceitou-a imediatamente com a sua mão forte e bronzeada. Apesar das luvas de lã, sentiu o calor da sua mão nua.

- *Monsieur* Kalliakis... - murmurou ela.

Soltou a mão e pousou-a no estojo do violino.

- Peço a sua atenção. Por favor, entre no carro.

Peço a sua atenção? Se não estivesse tão alterada com ele e com a sua voz, uma voz grave e gutural que encaixava perfeitamente com o seu aspeto, ter-se-ia rido com esse formalismo.

Então, lembrou-se de que era um príncipe, da realeza. Tinha de fazer uma reverência ou uma coisa dessas? Ele desaparecera da sala de ensaios antes de os apresentarem.

Pigarreou e recuou um passo.

- Lamento muito, *monsieur*, mas acho que não temos nada para falar.

- Garanto-lhe que temos. Entre no carro. Está demasiado frio para ter uma conversa aqui.

Ele falava como um homem muito habituado a impor-se.

- Trata-se do solo? Já expliquei ao seu assistente que tenho um compromisso prévio para o fim de semana do baile de gala e que não vou poder ir. Lamento se não lhe chegou a mensagem.

O assistente, um homem de meia-idade com ar implacável, não conseguira disfarçar o seu espanto quando lhe dissera que não podia fazê-lo. Os diretores tinham-se limitado a observá-la, suplicantes.

- A mensagem chegou e foi por isso que voltei do aeroporto, para falar consigo pessoalmente.

O aborrecimento era evidente, como se ela tivesse a culpa de que os seus planos se frustrassem.

- Terá de cancelar esse compromisso. Quero que toque no baile de gala do meu avô.

- Eu também adoraria - mentiu ela, que estava habituada a lidar com pessoas autoritárias -, mas não posso cancelá-lo.

Ele franziu o sobrolho como se nunca tivesse ouvido a palavra «não».

- Sabe quem é o meu avô e a oportunidade que seria para a sua carreira profissional?

- Sim, é o rei de Agon e percebo que seja uma honra que me tenham escolhido para tocar para ele...

- E a maioria dos mandatários do mundo...

- No entanto, há muitos violinistas nesta orquestra - continuou ela, como se não a tivesse interrompido. - Se os ouvir, como tencionava fazer, vai descobrir que a maioria tem mais talento do que eu.

Claro que sabia que aquele baile seria um grande acontecimento. Os colegas da orquestra não falavam de outra coisa há semanas. Tinham avisado todas as orquestras da Europa de que o príncipe Talos Kalliakis estava à procura de um violinista solista. No dia anterior, quando se confirmara que ia fazer uma audição de violinistas da Orquestra Nacional de Paris, todas as raparigas da orquestra foram a correr aos salões de beleza.

Os três príncipes de Agon eram vistos como os solteiros mais cobiçados da Europa e os mais bonitos.

Soubera que não se candidataria para a audição e não tivera de se arranjar. Se tivesse suspeitado que ele estaria a ouvir atrás da porta da sala de ensaios, teria tocado o pior que pudesse. Era impossível, completamente impossível, entrar no palco do baile de gala do cinquentenário e tocar para todos. Sentia suores frios só de pensar nisso.

Começava a sentir o vento gélido e a neve entrava pelas costuras finas das botas e estava a molhar-lhe as meias. O banco traseiro do carro de Talos parecia confortável e quente, embora não tencionasse entrar. Os olhos gélidos dele condiziam com o clima que os açoitava.

- Lamento muito, *monsieur*, mas tenho de ir para casa. Esta noite, temos um concerto e tenho de voltar dentro de algumas horas. Desejo-lhe sorte e que encontre o solista que procura.

Os seus traços suavizaram-se, mas os seus olhos, que eram de um castanho quase transparente, mantiveram-se inflexíveis.

- Voltaremos a falar na segunda-feira, *despinis*. Até então, aconselho que pense no que renuncia se não aceitar a oferta.

- A segunda-feira é o nosso dia de folga. Virei na terça-feira se quiser falar comigo, mas não temos nada para falar.

- Veremos. - Ele inclinou a cabeça. - Da próxima vez que nos encontrarmos, pode usar o tratamento que me corresponde: Alteza.

Ela esboçou um sorriso sem conseguir evitá-lo.

- Mas, *monsieur*, estamos em França, numa república. Mesmo quando tínhamos uma família real, os herdeiros ao trono recebiam o tratamento de «monsieur», portanto, estou a dirigir-me corretamente a si. Além disso, acho que deveria recordar-lhe o que aconteceu com quem se gabava de ter sangue real: Cortaram-lhes a cabeça...

Amalie ocupou o seu sítio no palco, na segunda fila a contar de trás, confortavelmente rodeada por outros músicos. Exatamente onde queria estar, afastada dos focos.

Enquanto esperava que Sebastien Cassel, o maestro convidado, começasse a peça, sentiu um formigueiro na pele. Olhou para a plateia e verificou que as previsões tinham sido acertadas, que estava quase vazia.

Até quando podia durar?

Paris era uma cidade que aplaudira as suas orquestras durante séculos, mas as outras orquestras não tinham a sede num buraco cheio de pulgas como o Théâtre de la Musique, uma sala de concertos que teve o seu momento

de esplendor, mas que anos de abandono e de falta de investimento a tinham deixado à beira da ruína.

Uma enorme figura num camarote da direita fez com que pestanejasse e a observasse fixamente. Embora semicerrasse os olhos para ver melhor, os batimentos acelerados do coração disseram-lhe quem era e compreendeu o formigueiro na pele.

Pensou imediatamente no príncipe Talos. Esse homem e o perigo que transmitia tinham algo que fazia com que quisesse fugir. O seu físico imponente, o rosto maravilhoso com a cicatriz que lhe atravessava a sobrancelha, a voz que fizera com que o sangue lhe fervesse como se fosse lava...

Juliette, a violinista que tinha ao lado, deu-lhe uma cotovelada nas costelas. Sebastien estava a olhar para ambas com a batuta ao alto. Amalie olhou para a partitura, pôs-se em posição e rezou para que os dedos respondessem.

Estar sentada atrás de oitenta músicos costumava fazer com que se sentisse invisível. Era apenas mais uma cabeça dentro dessa multidão e afastada dos focos. Não conseguia suportar ter um foco apontado para ela e evitara-os por todos os meios desde que tinha doze anos.

Não conseguia vê-lo com clareza, nem sequer sabia com certeza que era ele que estava no camarote, mas não conseguia evitar a sensação de que havia alguém entre o público que tinha os olhos fixos nela.

Talos observou como a noite decorria. A orquestra era um grupo profissional que tocava com uma elegância que até o mais inculto, no sentido musical, conseguia apreciar. No entanto, não fora ouvi-la.

Assim que o concerto acabasse, tinha uma reunião com o dono daquele edifício velho. Ao princípio, pensara em apanhar um avião para voltar a Agon e visitar o avô com o alívio de terem acabado aqueles dois meses à procura de

um violinista. No entanto, a teimosia de Amalie destruíra os seus planos.

Ao olhar para ela nesse momento, quando os dedos da mão esquerda voavam pelas cordas do violino, não conseguia acreditar que fora tão descarada. A sua cara com sardas no nariz dava a impressão de que era alguém frágil e delicado, uma imagem que se completava com um corpo tão esbelto que qualquer um poderia pensar que uma rajada de vento a levaria. Tinha essa elegância que parecia natural em muitas mulheres parisienses. Percebera-o antes, mesmo que tivesse o cabelo castanho lindo escondido por um gorro de lã que pusera para se proteger do frio.

No entanto, as aparências podiam enganar.

Recusara-se a tocar no baile de gala do avô e, por extensão, ofendera os Kalliakis. Além disso, abusara com a brincadeira sobre a decapitação da família real francesa.

Amalie Cartwright tocaria para ele. Certificar-se-ia disso. Talos Kalliakis conseguia sempre o que queria.

Capítulo 2

Amalie tapou a cabeça com a almofada e não fez caso da campainha da porta. Não esperava visitas nem entregas. A mãe, francesa, não apareceria sem avisar àquela hora da manhã, pois pensava que qualquer hora antes de meio-dia era plena noite, e o pai, inglês, estava de viagem na América do Sul. Fosse quem fosse, poderia voltar noutro momento, embora estivesse claro que não tencionavam parar.

Continuaram a tocar à campainha e começaram a esmurrar a porta.

Levantou-se da cama entre blasfêmias, vestiu um robe e desceu as escadas para abrir.

- Bom-dia, *despinis*.

Depois, Talos Kalliakis entrou em sua casa.

- Pode saber-se...? Desculpe, mas não pode entrar na minha casa assim.

Seguiu-o apressadamente enquanto ele percorria a casa estreita como se lhe pertencesse.

- Disse-lhe que falaria consigo hoje.

- E eu disse-lhe que hoje é o meu dia de folga. Gostaria que se fosse embora.

- Depois de falarmos - replicou ele, entrando na cozinha.

Para que não houvesse dúvidas, deixou a pasta no chão, tirou o casaco preto, deixou-o nas costas de uma cadeira e sentou-se à pequena mesa da cozinha.